

Raízes Clássicas da Construção da Tópica da *Terra Pátria* em Cláudio Manuel da Costa

Carlos Versiani dos Anjos*

RESUMO: Discutimos aqui a construção da tópica da *Terra Pátria*, em Cláudio Manuel da Costa, tendo como base as *Obras*, publicadas em 1768. Trazemos elementos para abordar a recorrência, na poesia do poeta árcade, do paradoxo do peregrino em sua própria terra, a partir da contradição entre civilidade e rusticidade, entre a razão arcádica e o amor pela terra natal. Buscamos também identificar, em sua poesia, os influxos da tradição clássica, desde Ovídio e Virgílio, para assim melhor entender o tratamento poético dado por Cláudio Manuel à sua terra, na reconstrução do ideal arcádico.

Palavras-chave: Cláudio Manuel da Costa; poesia; classicismo; Minas Gerais; século XVIII

ABSTRACT: This paper discusses the construction of the homeland's theme, in the poetry of Cláudio Manuel, based on the *Obras*, published in 1768. The article discusses the recurrence of the pilgrim in his own land's paradox, based on the contradictions between civility and rudeness; Arcadian reasoning and the love for his birthplace. The author identifies the influx of the classical tradition of Ovidi and Virgil, in order to better understand the poet's approach to his land in the reconstruction of the Arcadian ideal.

Keywords: Cláudio Manuel da Costa; poetry; classicism; Minas Gerais; 18th century

1. O poeta peregrino e a *Idade de Ouro*

Dentre os árcades ultramarinos, Cláudio Manuel da Costa é, sem dúvida, aquele que mais se dedicou à temática da terra pátria¹, em poemas que evocam o seu local de nascimento: a capitania de Minas Gerais, entre Vila Rica e a Vila de Ribeirão do Carmo. A presença dessa tópica em Cláudio Manuel tem sido alvo de muitos estudos, justamente pelo caráter original das oposições feitas literariamente entre a realidade das Minas e a “civilização” europeia, as duas dimensões vivenciadas pelo “eu lírico” do poeta, que traduziriam também aspectos da sua biografia. Ao abordarmos o tema especificamente na obra de Cláudio Manuel, paralelamente estaremos refletindo sobre as reminiscências das raízes clássicas da poesia bucólica, desde a antiguidade greco-latina, em elementos caros ao árcade mineiro. Em Cláudio Manuel, revisitamos as raízes do tema da *peregrinatio*, do pastor exilado ou peregrino; e estudamos as origens e

* Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais (2015), Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (1995), Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (1989).

¹ Usamos aqui a expressão *terra pátria* da mesma forma utilizada pelos poetas árcades, e pela tradição da crítica literária do Arcadismo, como o local, ou região de nascimento. No caso de Cláudio Manuel, ele toma, em sua poesia, como pátria, a capitania de Minas Gerais, ou, ocasionalmente, a Vila do Ribeirão do Carmo, atual Mariana.

permanências em sua obra da visão da aclamada *Idade de Ouro*, projetada para o futuro: os poetas e sua *pátria* sonhavam desfrutar dos louros trazidos pelas conjunções entre o mundo letrado e político, na instituição a que muitos, desde o Renascimento, denominariam de *República das Letras*.

O prólogo às *Obras* de Cláudio Manuel, publicadas em 1768, tem sido motivo de inúmeros debates entre críticos e historiadores da literatura, desde o início do século XIX, devido basicamente a duas questões principais: por presumivelmente se achar ali indicada a visão de desilusão do poeta com o abandono das “venturosas praias da Arcádia”, destinado que fora a viver exilado em meio à “grossaria dos gênios” da terra pátria; e pela confissão do mesmo quanto à presença do “mau gosto” seiscentista na poesia pastoril composta nos seus primeiros anos de atividade literária, o que teria sido aprimorado posteriormente pela “lição dos gregos, franceses e italianos”. (COSTA, 1996, pp. 47-48)². Sabemos que todo esse discurso de Cláudio Manuel era movido também por uma afetada modéstia, convenção sempre presente em dedicatórias e prólogos da literatura do século XVIII. Mas independente disto, os poemas contidos nas *Obras* revelariam tanto as oposições dialéticas na forma do poeta entender e expressar poeticamente a realidade de Minas e da Europa, quanto o seu caráter estilístico e retórico heterogêneos, por serem produzidos em fases distintas. Interessa-nos, sobretudo, neste debate, entender as diferentes formas como o poeta descreve o universo da sua terra natal, onde buscará os cânones para descrevê-la, e como, originalmente, os reinventará.

No mesmo prólogo, Cláudio Manuel já nomeava alguns dos seus precursores no uso do *tópos* que ora estudamos. Ali, o poeta professava ter o conhecimento necessário “das melhores passagens de Teócrito, Virgílio, Sannazaro e dos nossos Miranda, Bernardes, Lobo e Camões”, como sinal de que lhe não era estranho o estilo simples, ao agrado do mundo arcádico. Além destes, Cláudio Manuel faz referências, sem citá-lo explicitamente, ao poeta latino Públio Ovídio Nasão, quando se desculpa que, mesmo conhecendo a lição dos primeiros “Mestres da Poesia”, na execução da sua obra seguiria “o contrário”. Pode-se enxergar nesta desculpa convencional uma confissão do autor de que lhe seria impossível fugir, em sua poesia, dos excessos barrocos, mesmo conhecendo as “virtudes” da simplicidade arcádica. Mas se tomarmos o original de Ovídio, de onde Cláudio Manuel buscara a citação, pode-se encontrar outra interpretação.

A frase foi usada originalmente pelo poeta latino, através da fala angustiada da personagem Medeia, para dizer da antítese entre o que dita a razão e o que clama a paixão para as decisões humanas: “*aliudque cupido, / Mens aliud suadet: uideo meliora proboque: / Deteriora sequor!*”³. Na tradução de Lopes (1997, pp. 84-85): “uma coisa a paixão, outra a razão me aconselha. Vejo o melhor, mas sigo o contrário”. Ou seja, Cláudio Manuel estaria também a dizer que a razão e o “engenho” adquiridos na Europa arcádica não impediriam que ele se movesse, naquilo que produziu em seu berço pátrio, pela paixão por este professada: “nada bastou para deixar de confessar a seu respeito a maior paixão...” (COSTA, 1996, p. 47).

No prólogo, Cláudio Manuel apresentaria então o tema do exílio, e ao afirmar ao leitor ter conhecimento das limitações de se compor longe das “delícias do Pindo”, nos “sertões” da Capitania de Minas, recorre, em seu socorro, a outra citação de Ovídio: “*imaginou o Poeta desterrado que as Cícladas do mar Egeu se tinham admirado de*

² Todas as citações de autoria de Cláudio Manuel da Costa foram retiradas das suas “Obras Completas”, organizadas e publicadas por Domício Proença Filho, no livro *A Poesia dos Inconfidentes*, 1996.

³ A passagem consta dos versos 19 a 21 do Livro Sétimo, da obra *Metamorfose*. (OVIDI, 1863, p. 119)

que ele pudesse compor entre os horrores das embravecidas ondas”. (COSTA, 1996, p. 47) Cláudio Manuel se refere aí aos versos da obra *Tristia*, de Ovídio: “*quod facerem uersus inter fera murmura ponti,/ Cycladas Aegaeas obstipuisse puto./ Ipse ego nunc miror tantis animique marisque fluctibus ingenium non cecidisse meum*”.⁴ Na tradução de Lopes (1997, p. 83): “*Quando compunha meus versos entre o rugido feroz do oceano, penso ter estarrecido as Cícladas do mar Egeu. Admiro-me eu mesmo agora que a agitação da minha alma e do mar não me abateu o gênio*”.

Nascido na cidade de Sulmona, Ovídio fora banido de Roma pelo imperador Augusto no ano 8 d.C e escreveria suas últimas obras no exílio em Tomos, numa das partes mais inóspitas do império romano. Outro tipo de exílio sofreria Cláudio, desterrado das alturas do *Pindo* arcádico lusitano, por não permitir “os Céus que alguns influxos” devidos ao Mondego prosperassem. Tornou-se então, poeticamente, um peregrino em sua própria terra, onde só reencontraria alento e fama depois, ao final da década de 1760, quando insuflando ares novos à rudeza e fereza das montanhas de Minas, ali tentaria criar uma nova Arcádia, a *Arcádia Ultramarina*. É o que conta o poema com que abre suas *Obras*, publicadas em 1768:

Para cantar de amor tenros cuidados,
Tomo entre vós, ó montes, o instrumento;
Ouvi pois o meu fúnebre lamento;
Se é que de compaixão sois animados:

Já vós vistes, que aos ecos magoados
Do trácio Orfeu parava o mesmo vento;
Da lira de Anfião ao doce acento
Se viram os rochedos abalados.

Bem sei, que de outros gênios o Destino,
Para cingir de Apolo a verde rama,
Lhes influiu na lira estro divino:

O canto, pois, que a minha voz derrama,
Porque ao menos o entoa um peregrino,
Se faz digno entre vós também de fama. (COSTA, 1996, p. 51)⁵

Neste soneto, que dá início à série, o autor evoca então o exemplo sublime dos heróis mitológicos, Orfeu e Anfião, que com o poder da sua lira também moveram montanhas⁶; para dizer que se o destino pôde influir “estro divino” à lira de outros gênios, cingindo-os “de Apolo a verde rama”, a mesma graça poderia obter o seu canto de poeta peregrino, fazendo-o, entre as montanhas de Minas, também digno de fama. O soneto de Cláudio Manuel revela a importância mítica e poética que confere à *peregrinatio vitae*, pois o seu canto aí se faria também digno de fama, mais que por seus atributos, “porque ao menos o entoa um peregrino”. Esta seria uma das principais inovações de Cláudio Manuel, a de se reconhecer peregrino em sua própria terra: mote explicitado na *Epístola de Alcino a Fileno*, escrita provavelmente antes do soneto

⁴ A passagem se encontra nos versos 7 a 10 da Elegia 11, Livro I, da obra *Tristia*. (OVIDI, 1922, p. 30)

⁵ Buscando uma unidade metodológica, todos os poemas e textos de Cláudio Manuel obedeceram à grafia atualizada, conforme publicado em Costa, 1996.

⁶ Anfião, filho de Zeus e de Antíope, rainha de Tebas, recebera de presente uma lira de Apolo, deus da poesia, com que construiu os muros de Tebas, movendo os blocos de pedra com o som do seu instrumento. Orfeu, poeta do Olimpo, filho do próprio Apolo e de Calíope, mais velha e sábia das musas, conheceu o exílio nos infernos profundos, enfrentando todos os obstáculos e tormentos com sua lira.

citado⁷, em que o pastor ainda se diz vítima indefesa “da fortuna inconstante,/do bárbaro destino”:

A vós, Pastor distante,
Bem que presente sempre na lembrança,
Saúde envia Alcino, que a vingança
Da fortuna inconstante,
Do bárbaro destino,
Chora na própria terra peregrino. (COSTA, 1996, p. 245)

Este tema do poeta peregrino foi muito explorado por vários estudiosos da obra de Cláudio Manuel, como Sérgio Buarque de Holanda, Hélio Lopes, Sérgio Alcides, sempre se evocando a contradição aparente entre o amor à terra pátria e a melancolia pela distância do ambiente mítico da Arcádia. Alcides chama a atenção na obra *Estes Penhascos* e no artigo *O lugar não comum e a república das letras* para essa inovação na poesia de Cláudio Manuel, do *tópos* da rusticidade e do exílio, caracterizado pelo *locus horribilis* com que é pintada a sua pátria, na qual se colocaria, pelas suas “aspirações cosmológicas”, um exilado, um peregrino. O autor detecta aí uma possível emulação da tópica do exílio em Ovídio, que lamentava o seu desterro em Tomos, e a rusticidade da terra em que se encontrava exilado. (ALCIDES, 2008, pp. 36-49).

Mas Cláudio Manuel inova, como se disse, por se sentir desterrado, exilado, em sua própria pátria, que confessa amar profundamente. Exílio este dado por se sentir deslocado do ambiente bucólico convencional, como da civilidade e ilustração da modernidade europeia. Para Alcides, a contradição de viver em meio a uma natureza rude e tosca que, no entanto, ama, propiciaria para o poeta uma inflexão positiva: a possibilidade de se transformar a rudeza da natureza e da sociedade através da ação política ou da ação letrada; ações que Cláudio Manuel tomaria como incumbência para si e para sua poesia. Para nós, tal é a missão, política e letrada, que se consubstancia na criação da *Arcádia Ultramarina*. A junção entre a ação letrada e política, com o pleiteado apoio do governador Conde de Valadares, perpassa todos os discursos, o drama e os poemas recitados em Vila Rica nos eventos acadêmicos de 1768.⁸ Ali, pela primeira vez, as ninfas passam a integrar poeticamente o cenário das Minas, e o poeta, orgulhoso da sua criação, quer, através das musas da sua terra, ser melhor que o melhor das líras lusitanas:

Ninfas do pátrio rio, eu tenho pejo
Que ingrato me acuseis vós outras, quando
Virdes que em meu auxílio, ando invocando
As ninfas do Tejo, ou do Mondego.

Convosco um eco ao mundo dar desejo,

⁷ A ordem dos poemas nas *Obras* de Cláudio Manuel, publicadas em 1768, não obedece à ordem cronológica de sua produção. A *Epístola de Alcino a Fileno* se assemelha, pelo tema e pelo tom melancólico, com outras epístolas e sonetos da primeira fase do poeta, após o retorno dos estudos na Europa. Enquanto o soneto anterior, que introduz as *Obras*, reflete todo um “espírito” presente na safra dos poemas de 1767-68, prenúncio do movimento pela fundação da nova Arcádia. Sobre a genética das *Obras*, ver: Versiani, 2014.

⁸ Dois eventos acadêmicos presididos por Cláudio Manuel têm lugar em Vila Rica no ano de 1768: o primeiro, a 4 de setembro, em homenagem ao recém-empossado governador Conde de Valadares; o segundo, a 5 de dezembro, no dia do natalício do Conde, quando Cláudio Manuel declararia fundada a Arcádia Ultramarina, intitulado-se, na folha de rosto do drama *Parnaso Obsequioso*: “Criado pela Arcádia Romana Vice Custodio da Colônia Ultramarina, com o nome de Glauceste Saturnio”.

No estudo *A musa desnuda e o poeta tímido: o petrarquismo cortesão na Arcádia brasileira*, André Nepomuceno defende a tese de que a “civilidade” que Cláudio Manuel pretenderia impor, através da poesia, à sua terra inculta, seria um ecoar do refinado e polido petrarquismo cortesão do século XVI, de que teriam sido representantes os quinhentistas italianos e portugueses, em quem Cláudio Manuel confessa no prólogo às *Obras* também ter se instruído. Seria o caso da *Arcádia* de Jacopo Sannazaro, publicada em 1504. Ali, o pastor Sincero (codinome do próprio autor) se vê exilado de sua pátria Nápoles, por motivos políticos e também amorosos. Busca então as terras da *Arcádia*, onde aprenderá o ofício e o canto dos pastores, e recordará melancolicamente o passado. (NEPOMUCENO, 2002, p. 116-132). Sem dúvida, o cancionero de Petrarca e a *Arcádia* de Sannazaro são modelos que inspiram a poesia de Cláudio Manuel. Devemos ter em conta, porém, que o poeta nem sempre faz entender a rusticidade dos sertões apenas como negatividade que se opõe às suas aspirações civilizatórias. Afinal, o gênero a que se aplica é o bucólico, o pastoril, no qual o simples e o rústico têm um valor capital. Em muitos momentos, mesmo em poemas supostamente mais antigos, a “civilização” se mostra mais negativa que a rudeza da terra pátria. É o que vemos, por exemplo, no Soneto XIV:

Quem deixa o trato pastoril amado
Pela ingrata, civil correspondência,
Ou desconhece o rosto da violência,
Ou do retiro a paz não tem provado.

Que bem é ver nos campos transladado
No gênio do pastor, o da inocência!
E que mal é no trato, e na aparência
Ver sempre o cortesão dissimulado! (...)⁹

A crítica literária do arcadismo brasileiro sempre procurou realçar o “mal-estar” de Cláudio por viver exilado do convívio das musas e a fingida impossibilidade de vivenciar sua poesia na rudeza da terra pátria, apesar de amá-la. Mas sabemos, como sabem os críticos, que as oposições entre civilidade europeia e a rusticidade brasileira, ou entre o sentimento de desterro em sua pátria e a paixão por ela alimentada, não podem ser lidas apenas como um discurso subjetivo do poeta, mas como característica intrínseca ao seu estilo poético, provido e adaptado das convenções clássicas. Usando uma imagem trazida por Sérgio Buarque de Holanda, Cláudio Manuel se queixa todo o tempo “de já não poder temperar a lira, quando lhe falta, para bem cantar, ‘a sombra de uma faia’” (HOLANDA, 1991, p. 229). Só que esta queixa já é a sua lira, já é a sua poesia. Ou seja, o paradoxo do *peregrino em sua própria terra*, a contradição entre *civilidade e rusticidade*, entre *razão arcádica e paixão pela pátria*, é que dão corpo, forma e qualidade à poesia singular de Cláudio Manuel da Costa. Isto, pensamos, até a criação da dita *Arcádia Ultramarina*, quando o poeta finalmente consegue vencer as contradições, e recriar, sob uma nova lira, não menos bela, toda a modernidade arcádica no tratamento poético da sua terra:

⁹ Além deste soneto de número XIV das *Obras* (COSTA, 1996, p. 57), podemos citar trecho da Epístola V: “É sempre menos dura a pena, que na rústica cultura/ ao Pastor acompanha, na choça, no redil, que aquela estranha / paixão que segue o cortesão polido,/ na civil sociedade introduzido” (COSTA, 1996, p. 255).

Enfim eu vos saúdo,
 Ó campos deleitosos,
 Vós, que à nascente Arcádia em grato estudo
 Brotando estais os loiros mais frondosos;

 Já sinto que respira
 Uma aura em nós suave;
 Orfeu pulsa de novo a doce lira,
 Ouve Tebas de novo o plectro grave... (COSTA, 1996, p. 343)

Observe-se que a menção a Orfeu, e indiretamente a Anfião, atesta uma correspondência deste trecho da *Saudação à Arcádia Ultramarina* ao citado poema inaugural da centúria de sonetos das *Obras*; mais um indício de que aquele soneto tenha sido composto, como a *Saudação*, no fatídico ano de 1768, em que se operou uma grande transformação na retórica poética de Cláudio Manuel: do poeta saudosista e melancólico, ao entusiasta e positivo anunciador de uma nova *Idade de Ouro*. E aqui, mais uma vez, aparece o eco de Ovídio, que renovou a tradição poética do ciclo das quatro idades: de ouro, de bronze, de prata e de ferro. A *Idade de Ferro* seria a presente, rude e obscura, que faria criar na poesia bucólica o desejo ao retorno das delícias da *Idade de Ouro*, em que os homens viviam em harmonia consigo mesmos e com a natureza.¹⁰

Na poesia de Cláudio, o ferro é também muitas vezes associado ao mal, na descrição das guerras ou na nomeação dos instrumentos que tornam turvos e feios os ribeiros, lhes pervertendo as cores. É o que provoca o choro do pátrio rio, na *Fábula do Ribeirão do Carmo*: “... a fatal porfia/ da humana sede ordena,/ se atenda apenas o ruído horrendo/ do tosco ferro, que me vai rompendo” (COSTA, 1996, p.126). A fundação da Arcádia, porém, renunciaria novos tempos. Na sessão de 4 de setembro de 1768, Cláudio Manuel declamaria um soneto prefaciado pela sugestiva frase: “Restitui-se à Terra a Justiça e se torna fecundo de metais o país das Minas”. Nele, o poeta proclama: “Se desde o seio onde os seus bens recata/ Hoje a Terra nos dá tanto tesouro,/ Direi que torna a nós a Idade de Ouro,/ Que já fugiu da habitação ingrata” (COSTA, 1996, p. 337). O mesmo tom é adotado no drama *Parnaso Obsequioso*, recitado em 5 de dezembro do mesmo ano, na sessão de “nascimento” da *Arcádia Ultramarina*:

APOLO Esta a idade em que o Lobo
 Pastava entre as Ovelhas; esta a idade
 Em que a Terra sem próspera fadiga,
 Brotava a rama, e produzia a espiga;

MERC. Esta a idade em que os rios
 Eram de mel, e eram de leite os lagos,
 Em que desconhecia o peito humano
 Tudo o que era traição, perfídia, engano.

APOLO Enfim tudo é delícia
 Na opulenta região das áureas Minas;

O tema nos faz recorrer, finalmente, ao maior inspirador, na antiguidade latina, da poesia de Cláudio Manuel: Públio Virgílio Marão. A tópica do exílio, como do

¹⁰ O mito das idades teria origem na poesia de Hesíodo, em *O Trabalho e os Dias*. Ovídio reviveu poeticamente o tema no Livro I, versos 89-150, da sua obra *Metamorfoses*.

louvor à terra pátria e da almejada *Idade de Ouro*, é, também, muito presente em Virgílio (70-19 a.C.). Nascido na província de Mântua, ao norte da península itálica, o poeta latino abandonou ainda muito jovem a terra natal, e se entregou aos estudos em Milão, Cremona e finalmente Roma, onde viveu sob a proteção do Imperador Augusto e do poderoso incentivador das letras chamado Mecenas. Ali escreveu suas obras-primas: as *Éclogas*, as *Geórgicas*, e o poema épico *Eneida*, inspirado na mitologia da fundação de Roma.

Logo nos primeiros versos da primeira écloga de Virgílio, o personagem Melibeu se refere aos “pastores emigrados”, obrigados ao exílio: “Da pátria os limites abandonamos,/ deixando a mesma pátria e os doces campos” (LUSITANO, 1791, p. 15).¹¹ No livro II das *Geórgicas*, apareceria mais claro o motivo daquele exílio, que teria a ver com a própria biografia de Virgílio: “Vá procurar os bosques e pastagens distantes de Taranto,/ onde há planícies como aquelas perdidas pela infeliz Mântua”¹². Mas é no livro III da mesma obra que a deferência a Mântua aparece com entusiasmo, na descrição alegórica de um grande cortejo, que o poeta promete levar à sua pátria, fazendo-a elevar aos píncaros da civilização romana:

Eu sou o primeiro que de volta à Pátria, conquanto a vida subsista,
desde o cume Aônio conduzirei comigo as Musas;
eu primeiro te trarei, ó Mântua, as palmas Iduméas;
e também construirei em verde campo um templo de mármore
junto à água, onde em tardas voltas ingente corre
Míncio, e com tenras canas recobre as margens.
No meio para mim estará César e dele será o templo.
(VALLE, 2003, p. 112)¹³

Este trecho é ilustrativo para a compreensão da “missão” poética que Cláudio Manuel a si se impõe, como responsável por trazer à sua pátria inculta as musas clássicas da Arcádia; não mais lamentando a dureza e rusticidade das penhas de Minas, mas se pondo a cantar as ninfas, montanhas e rios da sua terra, com uma pena capaz de transformar “heroicamente” o *locus horrendus*, com que se deparou ao chegar da Europa, próprio de uma tragédia barroca, no *locus amoenus* de que se reveste a visão da recém-fundada *Arcádia Ultramarina*. A Mântua de Virgílio, cortada pelo rio Míncio, se emula nas Minas de Cláudio, banhadas pelo pátrio *Ribeirão do Carmo*. O autor considerava tão importante e significativa a missão de elevar sua terra ao universo mítico da Arcádia, que tomou como epígrafe às *Obras* os dois primeiros versos da citação de Virgílio: *Primus ego in Patriam mecum, modo uita supersit,/ Aonio rediens deducam uertice Musas*. (“Eu sou o primeiro que de volta à Pátria, conquanto a vida subsista,/desde o cume Aônio conduzirei comigo as Musas”).¹⁴ Parece-nos mesmo

¹¹ *Nos patriae fines et dulcia linquimus arua;/Nos patriam fugimus* (VIRGÍLIO, *Écl.*, I, 3-4.) Melibeu se refere aí às terras sequestradas nos arredores de Mântua e Cremona, para serem distribuídas como pagamento aos soldados veteranos de Otaviano, pelo seu sucesso na batalha de Filipos (42 a.C.). Sequestro de que a família de Virgílio teria escapado, supostamente por graça do mesmo Imperador Otaviano Augusto. Na *Écloga* IX, 28, Tíuro voltaria a esta lembrança.

¹² *Saltus et satiri petito longinqua Tarenti/ Et qualem infelix amisit Mantua campum* (VIRGÍLIO, *G.*, II, 197-198). Tradução nossa.

¹³ *Primus ego in Patriam mecum, modo uita supersit,/Aonio rediens deducam uertice Musas; /.Primus Idumaeas referam tibi, Mantua, palmas;/Et uiridi in campo templum de marmore ponam/ Propter aquam, tardis ingens ubi flexibus errat/ Mincius, et tenera praetexit arundine ripas. In medio mihi Caesar erit templumque tenebit* (VIRGÍLIO, *G.*, III, 10-16).

¹⁴ Esta tradução é tomada ao Ricardo Valle, 2003, p. 112. O trecho está em VIRGÍLIO, *G.*, III, 10-11.

ecoar do poeta mantuano o poema com que Cláudio Manuel encerra a centúria dos sonetos das *Obras*, já anunciando uma nova *Idade de Ouro* para as pátrias Minas:

Musas, canoras musas, este canto
Vós me inspirastes, vós meu tenro alento
Erguestes brandamente àquele assento
Que tanto, ó musas, prezo, adoro tanto.

Lágrimas tristes são, mágoas, e pranto,
Tudo o que entoa o músico instrumento;
Mas se o favor me dais, ao mundo atento
Em assunto maior farei espanto.

Se em campos não pisados algum dia
Entra a ninfa, o pastor, a ovelha, o touro,
Efeitos são da vossa melodia;

Que muito, ó musas, pois, que em fausto agouro
Cresçam do pátrio rio à margem fria
A imarcescível hera, o verde louro! (COSTA, 1996, p. 96)

Este último soneto das *Obras* fecha o ciclo iniciado pelos dois primeiros, em que o poeta prometia fazer brotar uma renovada Arcádia nas penhas adormecidas da sua terra natal. Já comentamos o poema que deu início à série, no qual Cláudio Manuel recorria ao exemplo dos personagens mitológicos Orfeu e Anfião, para dizer como o destino guiaria favoravelmente a sua lira. No segundo, reafirmaria a missão dos seus versos, de levar à posteridade a celebração poética do rio pátrio:

Leia a posteridade, ó pátrio Rio,
Em meus versos teu nome celebrado;
Por que vejas uma hora despertado
O sono vil do esquecimento frio... (COSTA, 1996, p. 51)

Com o último soneto se conclui todo um roteiro, construído de forma articulada, como na tessitura de um romance, ou novela, na qual cada grupo de sonetos constituiria um capítulo. Os que abrem e os que fecham o livro certamente são de lavra mais recente, revelando um novo olhar de Cláudio Manuel sobre as Minas: menos barroco, angustiado e pesado; mais levemente arcádico e rococó. Lembramos que “o verde louro” inscrito no último verso, com que o poeta pretende coroar a sua terra, mais do que um elemento da representação simbólica do deus Apolo, era uma referência fartamente utilizada pelos árcades do século XVIII, para significar o seu pertencimento institucional a uma Arcádia. Como à *Arcádia Romana* que, naquele ano de 1768, Cláudio Manuel quis fazer chegar à sua capitania de Minas Gerais, assinando ele próprio como “árcade romano ultramarino”:

Cláudio Manuel, nos discursos e poemas escritos em 1768, incluindo os italianos, se coloca como arauto não da *Arcádia Lusitana*, à qual jamais pertenceu, mas da tradição arcádica romana, de onde pretende transplantar os louros para a aridez da terra pátria, para o “turvo” e pátrio Ribeirão do Carmo. Assim como Virgílio, nos versos citados do livro III das *Geórgicas*, promete fazer transplantar as musas da Arcádia, desde o Helicon, para a sua Mântua e o pátrio Míncio. No discurso com que encerra a academia de 4 de julho de 1768, o poeta lembraria as origens da *Arcádia Romana*, desde 1690, junto ao círculo da Rainha Cristina, da Suécia:

Esta foi a que plantou aquele Louro debaixo de cuja sombra se juntaram em Roma os amadores das Musas: com faustíssimo agouro da sua futura grandeza principiou então a dar passos a renovada Arcádia (...) Se este nome (*do Conde de Valadares*) se colocara na frente desta sociedade amabilíssima com o soberano Título de Protetor da Nascente Colônia Ultramarina, quanto igualaremos na felicidade àqueles Pastores da Romana Arcádia? Talvez ela se não envergonhará então de haver repartido para tão remotos climas o esplendor luminoso da sua República. (COSTA, 1996, p. 340-341)

Este discurso, na verdade, clarifica o nascimento da *Arcádia Ultramarina*, os seus objetivos e sua justificativa, nos quais tem um peso significativo o fato de pretender ser uma colônia acadêmica da *Arcádia Romana*. Cláudio Manuel parece tentar responder aos seus interlocutores sobre o grande paradoxo que se repete todo o tempo em sua poesia, de como criar, na rudeza das terras de Minas, uma verdadeira e elevada poesia: “*Uns gênios educados em um tão bárbaro país, em um país acostumado mais a ouvir os rugidos das feras que a harmonia das Musas, como poderiam produzir cadências que fossem dignas de chegar a uns ouvidos que se criaram entre a delicadeza, ao concerto?*” É o próprio poeta quem responde, tomando esta missão para si e para a *Arcádia Ultramarina*: “*este desmancho é em que mais nos afiançamos para devermos conceber a ideia de ver algum dia em melhor sorte trocada a rudeza que nos é tão natural*”(COSTA, 1996, p. 340). O discurso repete o propósito presente no refrão da *Epístola I*, de Alcido a Fileno: “*E creio, à minha pena, se há de ver algum dia respirar estes bosques alegria*” (COSTA, 1996, p. 247). Naquela reunião, conforme Cláudio Manuel, estaria a se inaugurar o início deste novo tempo. É o que o árcade comunica aos seus interlocutores, que por serem nomeados “acadêmicos”, “inestimáveis sócios”, confeririam um caráter institucional às mudanças:

Acabou o feio e desganhado inverno que fazia o horror destes campos; eles se cobrem já de novas e risonhas flores; as águas que até aqui não convidavam a tocá-las, hoje se nos oferecem muito cristalinas e puras; as névoas se desterram, alegra-se o Céu; povoam-se de engraçadas aves os ares; e apenas há ramo nesses troncos, onde se não escute cantar algum emplumado vivente. Parece que vai fugindo de todo a rudeza destes montes; e que a benefício de uma alta proteção entram as Musas a tomar posse destes Campos. (COSTA, 1996, p. 340)

2. A Fábula do Ribeirão do Carmo e o Mito de Polifemo

A criação de uma Arcádia em solo infértil não poderia prescindir, no entanto, do estabelecimento de um mito fundador que, no dizer de Sérgio Buarque de Holanda (1991, p. 230), assegurasse “dignidade artística e literária aos cenários nativos, projetando-os sobre um fundo lendário”. Daí a circunstância da criação da *Fábula do Ribeirão do Carmo*. A importância simbólica dessa fundação mítica é atestada pelo próprio *Prólogo* ao leitor das *Obras*, no qual a *Fábula do Ribeirão do Carmo* desponta como o único poema citado, criado como símbolo do declarado amor pelo berço em que nasceu: “*nada bastou para deixar de confessar a seu respeito a maior paixão. Esta me persuadiu invocar muitas vezes e a escrever a Fábula do Ribeirão do Carmo, rio o mais rico desta Capitania, que corre e dava o nome à Cidade Mariana, minha pátria, quando era Vila*” (COSTA, 1996, p. 47). É o mesmo processo de mitificação que ocorrera antes com a *Fábula do Mondego*, sob a pena do quinhentista português Sá de

Miranda, natural de Coimbra, uma das fontes prováveis de inspiração daquele poema de Cláudio Manuel da Costa.

Edward Lopes, no seu instigante e pouco explorado livro *Metamorfoses*, faz uma interessante digressão sobre a necessidade de transformação do espaço geográfico das Minas num *locus* mítico e literário, para que se pudesse instaurar o universo idílico da *Arcádia Ultramarina*. Cláudio Manuel estaria então a “transplantar para Minas o espaço mítico da Arcádia”, convertendo “as margens do rio pátrio”, no espaço literário ultramarino. Da mesma forma como os clássicos lusitanos Sá de Miranda, Rodrigues Lobo, Camões e Ferreira, celebrando bucolicamente o Tejo, o Lima e o Mondego, os mitificaram, transformando-os no espaço arcádico de Portugal; da mesma forma como fariam do Tibre os fundadores da *Arcádia Romana* (LOPES, 1995, p 89). Cláudio Manuel, conhecedor de todas as transformações míticas e literárias dos rios da antiguidade greco-latina e dos campos lusitanos; e mais, tendo em mãos a habilidade e os instrumentos com que operar nas pátrias Minas a mesma transformação, se fez também, notadamente com a *Fábula do Ribeirão do Carmo* e sua *Arcádia Ultramarina*, gênio precursor.

A Fábula se passa num tempo mitológico da primitiva Arcádia, onde os pastores conviviam com as ninfas e sátiros; em que os homens, os deuses e os elementos da natureza se interagem e se metamorfoseavam. O Ribeirão do Carmo é o narrador, que conta a sua origem e o seu trágico destino, que se mistura com a origem e o destino das Minas e da própria poesia de Cláudio Manuel. Ele conta que o seu nascimento se dera pela relação entre o gigante Itamonte e uma das muitas penhas de Minas. Na sua juventude vivera como um pacato e alegre pastor, até que o trágico destino lhe fez ser acometido de uma paixão irrefreável pela bela ninfa Eulina, então na flor dos seus quinze anos. Mas este era um amor proibido, já que Eulina fora consagrada por Auco, seu pai, ao deus Apolo. Movido apenas pelos seus desejos, depois de furtar o ouro ao pai Itamonte, o herói tenta pela força raptar o seu amor, no que é impedido pelo próprio Apolo, Deus da poesia. Desesperado, o infausto amante tenta matar-se com um punhal, e já espargindo todo o seu sangue, recebe ainda o golpe final, sendo transformado por Apolo no pátrio Ribeirão. Como uma chaga, ainda guardaria na sua turva cor a lembrança do sangue que, por castigo divino, das suas veias um dia jorrara.

A análise literária da *Fábula do Ribeirão do Carmo* tem se mostrado inesgotável. E uma dimensão bastante estudada é a sua ligação com um dos grandes temas mitológicos da antiguidade clássica: o amor impossível do ciclope Polifemo pela ninfa Galateia. No mito, o gigante e horrendo Polifemo se apaixona pela bela e frágil ninfa Galateia, então já destinada ao amor do jovem Acis. O ciclope flagra os enamorados e acaba atirando uma pedra mortal contra Acis, o que leva os deuses, penalizados, a metamorfoseá-lo em um rio. O mito de Polifemo e Galateia se transformou numa verdadeira convenção tópica da poesia lírica, desde Teócrito, Virgílio e Ovídio; passando pelos quinhentistas, como Sannazaro e Sá de Miranda; pelos seiscentistas, como Quevedo e Lope de Vega; até os setecentistas italianos, franceses e luso-brasileiros.¹⁵ Na fábula de Cláudio Manuel, a história se modifica, embora se repita a metamorfose do herói nas águas de um rio: no mito, em águas límpidas, como recompensa; na Fábula, em águas turvas, como punição.

Cláudio Manuel usaria ainda mais explicitamente esse tema mitológico na égloga *Polifemo* e em duas cantatas: *Galateia* e *Lise*. E muitos críticos já viraram do

¹⁵ Em Teócrito e Virgílio não haverá a figura de Acis. No Idílio XI, Teócrito aborda a história de Polifemo e Galateia, que Virgílio recupera na Écloga II, apropriando-a aos personagens Coridon e Alexis. Sobre os diálogos bucólicos entre Teócrito e Virgílio, ver: ONELLEY, 2017.

avesso tais poemas, para detectar em qual autor ou modelo literário o poeta mais se inspirara para sua criação. A nós, interessa mais saber em que se diferencia o tratamento dado pelo árcade ultramarino ao tema, em que consistiria sua originalidade. Quanto mais que, em se tratando especificamente da poesia de Cláudio Manuel, os “influxos” nunca parecem advir de um só tempo, ou de um só lugar. Para exemplificar o *modus operandi* usado por Cláudio Manuel na criação e lima da sua poesia, Sérgio Buarque de Holanda (1991, p. 309) recorre, via Montaigne, à metáfora clássica da abelha, que colhe pólen de diferentes flores para fabricar o seu mel, próprio e singular. Ou seja, em um e outro autor, como aquela abelha que para fabricar o seu mel suga o pólen de várias flores, Cláudio buscou inspiração. Mas produziu um Polifemo e uma Galateia diferentes, de absolutamente todos os autores a ele anteriores.

Em que consistiriam basicamente tais diferenças? Elas passariam, principalmente, por dois pontos principais. O primeiro, já apontado por Sérgio Buarque de Holanda e Antônio Cândido, seria o caráter doce e melancólico do Polifemo de Cláudio, em contraste com a força e vigor da sua Galateia. Os demais poetas, via de regra, reforçavam o contraste entre a solidão do monstro horrendo Polifemo e o idílio puro existente entre o amoroso Acis e a frágil Galateia. Embora Cláudio Manuel se aproprie de muitas convenções relativas aos diversos tempos e espaços em que o mito foi poetizado, talvez nenhum Polifemo seja tão doce e nenhuma Galateia seja tão rude quanto os que Cláudio Manuel pintou.¹⁶ O segundo ponto, que acreditamos explicar o anterior, é a transfiguração do caráter melancólico, triste e terno, com que se descreve o próprio autor, em metapoema, no personagem Polifemo. Ou seja, o Polifemo aí seria uma representação do próprio Cláudio. Ou melhor, do Pastor Glauceste Satúrnio, como ele se revela literariamente, que é o mais importante no estudo que empreendemos:

Na sorte, Lise amada,
Do misero Gigante,
Que triste de meu fado se traslada
O fúnebre semblante!
Ao ver a copia do Ciclope infausto,
Respiram de meu peito iguais ardores.
Os zelosos furores
Que dentro n'alma sinto,
Como em lâmina triste escrevo, e pinto. (COSTA, 1996, p. 297)

É o Cláudio Manuel, narrador e personagem, quem aí fala sobre sua poesia. Como acontecerá em inúmeras outras passagens, em que o autor se utiliza do metapoema para dizer dos motivos, alcance e limitações da sua lira; como da missão e do destino que a ela estariam reservados. Este recurso metalinguístico se inicia, no nosso entendimento, quando de volta à *terra pátria*, e se fez necessário para expressar os conflitos que envolviam sua pena de poeta, quando a serviço de dois mundos: aquele idílico em que sua Musa e seu conhecimento acadêmico se formaram; e aquele prosaico, que verdadeiramente ama, e que o destino de poeta e de magistrado lhe reservou.

Cláudio Manuel, até os poemas da maturidade, sempre fará referência simbólica às contradições inerentes ao pertencimento a esses dois mundos. Tudo pertence ao Império português, mas deve-se convir que a América Portuguesa não é,

¹⁶ Pode-se ponderar que a Galatéia de Ovídio também é pintada como rude e ingrata. Mas dada a extrema docilidade e sofrimento do Polifemo de Cláudio, a oposição entre as duas personagens se apresenta mais forte.

definitivamente, o Reino de Portugal. E não podem ser iguais literariamente. Nas obras escritas entre as décadas de 1770 e 1780 o poeta continuará a falar, com os olhos cada vez mais voltados às raízes da terra pátria, e aos círculos literários e políticos das suas Minas. A nosso ver, nunca tão “apaixonadamente” quanto no prólogo ao poema *Vila Rica*, escrito em 1773, de que não tratamos neste artigo: obra altamente representativa de uma perspectiva poética construída mais a partir da realidade das Minas:

Se estas Minas, pelas riquezas que têm derramado por toda a Europa, e pelo muito que socorrem com a fadiga dos seus habitantes ao comércio de todas as nações polidas, eram dignas de alguma lembrança na posteridade, desculpa o amor da Pátria, que me obrigou a tomar este empenho, conhecendo tanto a desigualdade das minhas forças. Estimarei ver elogiada por melhor pena uma terra que constitui hoje a mais importante Capitania dos domínios de Portugal.

REFERÊNCIAS

ALCIDES, S. O lugar não-comum e a república das letras. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, vol. 44, p. 36-49, jul-dez, 2008.

COSTA, C. M. da. Obras completas. In: PROENÇA FILHO, D. *A Poesia dos Inconfidentes: Poesia Completa de Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto e Tomás Antônio Gonzaga*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

HOLANDA, S. B. de. *Capítulos de Literatura Colonial* (Org. Antônio Cândido). São Paulo: Brasiliense, 1991.

LOPES, E. *Metamorfoses: a poesia de Cláudio Manuel da Costa*. São Paulo: UNESP, 1995.

LOPES, H. *Letras de Minas e outros ensaios*. São Paulo: EDUSP, 1997.

LUSITANO, L. da C. *Éclogas e Geórgicas de Virgílio*, parte I. Lisboa: Oficina Miguel Menescal, 1791.

NEPOMUCENO, L. A. *O petrarquismo cortesão na Arcádia Brasileira*. São Paulo: Annablume, 2002.

ONELLEY, G. Teócrito e Virgílio: um diálogo bucólico. *Revista de História e Estudos Culturais*, vol. 4, p. 99-112, abr/jun, 2017.

OVIDI. *Metamorphoseon*. 13 ed. Edinburgh: Oliver & Boyd, 1863.

OVIDI. *Tristia*. Oxford: The Clarendon Press, 1885.

VIRGILE. *Oeuvres*. Paris: Garnier Frères, 1863.

VALLE, R. A construção da posteridade ou A gênese como ruína (Um ensaio sobre Cláudio Manuel da Costa). *Revista da USP*, São Paulo, n. 57, p. 104-121, março/maio, 2003.

VERSIANI, C. Glauceste Saturnio e a Real Mesa Censória: uma crítica genética das *Obras* de Cláudio Manuel. *Revista de História* (São Paulo), n. 170, p. 261-290, jan.-jun., 2014.

Data de envio: 25-09-2017

Data de aprovação: 16-11-2017

Data de publicação: 22-12-2017